

A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TESTE DE SONDAGEM

**Maria Fernanda Palmeira da Costa¹; Yasmim Cristina Medeiros da Silva²; Matteus
Vinícius Gomes Luz³**

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Mossoró/Rio Grande do Norte/Brasil. E-mail: maria20240017064@alu.uern.br

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Mossoró/Rio Grande do Norte/Brasil. E-mail: yasmim20240006356@alu.uern.br

³Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró/Rio Grande do Norte/Brasil. E-mail: matteusluz@gmail.com

Resumo

Este trabalho configura-se como um relato de experiência desenvolvido a partir do vivenciado na disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). O estudo objetiva compreender como a aplicação do teste de sondagem, à luz da psicogênese da língua escrita, contribui para a formação inicial de professores alfabetizadores. Metodologicamente, a pesquisa possui caráter qualitativo e utiliza procedimentos técnicos como o levantamento bibliográfico e a observação participante durante a aplicação do diagnóstico em duas crianças de cinco e sete anos da rede pública de Mossoró/RN. Os resultados demonstram que ambos os aprendizes se encontram no nível alfabético, embora apresentem desafios ortográficos e de segmentação textual decorrentes do processo de construção do conhecimento. A experiência revela que o contato direto com as produções infantis desenvolve o olhar investigativo das licenciandas e amplia a capacidade de análise das hipóteses de escrita. Conclui-se que a articulação entre saberes teóricos e a realidade escolar fortalece a compreensão do papel do professor como mediador e consolida a psicogênese da língua escrita como fundamento indispensável para uma prática docente reflexiva e crítica.

Palavras-Chave: Alfabetização; Psicogênese da Língua Escrita; Teste de Sondagem; Relato de Experiência.

Introdução

Historicamente, a alfabetização no Brasil foi marcada pelo método das cartilhas que, segundo Mendonça e Mendonça (2007), prioriza a memorização e a cópia, reduzindo o aprendizado a um processo técnico e mecânico. Embora a cartilha não esteja mais fisicamente em sala de aula, sua “metodologia sim, basta verificar as atividades mimeografadas e coladas nos cadernos dos alunos” (Mendonça; Mendonça, 2007, p. 28), de modo a desconsiderar a realidade linguística e o desenvolvimento cognitivo do estudante. Em contrapartida a esse modelo, Coutinho (2005) destaca que as pesquisas de Ferreiro e Teberosky, nas décadas de 1960 e 1970, permitiram ampliar o debate sobre o tema, ao compreenderem a escrita como um

sistema notacional e o aprendiz como sujeito ativo. Fundamentada no construtivismo, a teoria conhecida como "Psicogênese da Língua Escrita" revela que a criança constrói o conhecimento por meio de hipóteses e erros construtivos, exigindo um professor mediador capaz de transformar essas tentativas lógicas em ferramentas diagnósticas.

Em vista disso, evidencia-se a importância das contribuições da psicogênese da língua escrita para o avanço das discussões em torno dos processos de alfabetização no Brasil. Desse modo, faz-se fundamental que, desde sua formação inicial, professores tenham um contato aprofundado com as propostas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, com o intuito de promover a indissociabilidade entre o saber teórico e o fazer docente, permitindo que os futuros profissionais compreendam as hipóteses levantadas pelos alunos, transformando o que por vezes é visto como erro em uma ferramenta diagnóstica essencial para planejar atividades que desafiem o estudante a avançar para o próximo nível de escrita.

Com isso em mente, este trabalho configura-se como um relato de experiência desenvolvido na disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em vistas de trazer à tona uma possibilidade de vivência que problematize o uso de métodos alfabetizadores padronizados – voltados à memorização e à cópia mecânica – e aproxime licenciandos das ideias de Ferreiro e Teberosky para repensar a aquisição da leitura e da escrita. Em relação à metodologia, ele possui um caráter qualitativo, pois este tipo engloba “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Deslandes et al., 2002, p. 21-22).

Os procedimentos técnicos consistiram, inicialmente, na realização de um levantamento bibliográfico que permitisse a aproximação com a história da alfabetização e do desenvolvimento da psicogênese da língua escrita. Em seguida, procedeu-se a um apanhado reflexivo das vivências teóricas e práticas experimentadas ao longo da referida disciplina, momento em que as discussões em sala de aula serviram de suporte para o planejamento da aplicação do teste de sondagem com duas crianças de cinco e sete anos, estudantes da rede pública de Mossoró/RN. Esse exercício justifica-se pela necessidade de articular os saberes teóricos da formação inicial com a realidade do fazer docente, de forma a possibilitar uma prática fundamentada teoricamente, consciente e crítica, para evitar um distanciamento entre o estudado na graduação e o vivido enquanto profissionais.

Diante disso, questiona-se: como a aplicação do teste de sondagem, à luz da psicogênese da língua escrita, contribui para a formação inicial de professores alfabetizadores? Assim,

objetiva-se, com esta pesquisa, compreender como a aplicação do teste de sondagem, à luz da psicogênese da língua escrita, contribui para a formação inicial de professores alfabetizadores, por meio da identificação dos níveis de escrita de crianças e da reflexão sobre a prática pedagógica.

A Psicogênese da Língua Escrita e o Teste de Sondagem: Perspectivas Teóricas

Coutinho (2005) discute sobre as contribuições da psicogênese da língua escrita para a problematização dos métodos mecânicos de alfabetização, que priorizam o repetir e o acertar a escrita. Em adição a essa discussão, Ferreiro e Teberosky (1999) problematizam como, ao longo da história, a aprendizagem da leitura e da escrita é percebida como um problema de método, de modo que tal ênfase se descuida de dois aspectos que, para as autoras, são cruciais: a competência linguística da criança, bem como sua capacidade cognoscitiva. Com isso, traz-se luz para a ideia do aprendiz como participante ativo na construção de sua aprendizagem, ao considerar que ele é capaz de mobilizar seus conhecimentos prévios da língua materna para formular e testar hipóteses.

Assim, o aprendizado ocorre por meio da experimentação constante: ao ter a oportunidade de escrever antes mesmo de dominar as normas convencionais, o estudante confronta suas próprias ideias sobre o funcionamento e a função da escrita, transformando o erro em uma etapa essencial da evolução cognitiva. Ferreiro e Teberosky (1999) retomam, inclusive, a perspectiva piagetiana do erro construtivo como parte essencial do processo de aprendizagem, indicando como tarefa dos pedagogos “levá-los em consideração, e não colocá-los no saco indiferenciado dos erros em geral” (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 33).

Nessa linha de raciocínio, Coutinho (2005) reitera que, para a psicogênese da língua escrita, a criança atribui significados específicos ao ler e escrever (para além da mera repetição do que dizem os adultos), desenvolvendo hipóteses sobre como a língua funciona, as quais vão evoluindo à medida que o contato constante com a escrita permanece. Sobre essas hipóteses, Coutinho (2005) detalha 4 tipos diferentes, sendo: pré-silábica, em que, resumidamente, não há uma relação entre a grafia e o significado da palavra; silábica, quando se inicia o estabelecimento de ligações entre a grafia e as sílabas da palavra; silábico-alfabética, momento de transição entre o nível anterior e o seguinte; alfabética, quando se compreende que as letras representam unidades menores que as sílabas.

A identificação das mencionadas hipóteses de escrita pode ocorrer mediante a realização de diagnósticos, também chamados testes de sondagem, que consistem em solicitar que o aluno escreva, sem auxílio ou cópia, um conjunto de palavras de um mesmo campo semântico

(geralmente uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba, seguidas de uma frase). Com isso, torna-se possível compreender o raciocínio desenvolvido pela criança, observando quais as relações estabelecidas por ela entre grafemas e fonemas, bem como qual seu entendimento acerca da estrutura alfabética.

Portanto, ao trazer à tona a importância do raciocínio do aprendiz, a psicogênese da língua escrita não intenciona atribuir aos testes um caráter classificatório ou punitivo, mas sim diagnóstico, investigativo e formativo. Ela serve para compreender o processo de aprendizagem do educando, identificar suas dificuldades, seus avanços e suas potencialidades, e possibilitar a realização de intervenções pedagógicas mais adequadas e contextualizadas para seu nível de escrita, respeitando o ritmo individual, os conhecimentos prévios e as particularidades de cada sujeito em seu processo de construção do conhecimento e aquisição da escrita.

Relato de uma experiência: O teste de sondagem na prática

Diante dessa fundamentação teórica, compartilha-se uma vivência voltada para a compreensão da psicogênese da língua escrita e do teste de sondagem. À primeira vista, pontua-se que as experiências aqui registradas foram vividas no contexto da disciplina de Alfabetização e Letramento, ofertada no 4º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Tenta-se, com isso, ampliar a discussão sobre a importância de uma formação inicial munida de artifícios que permitam aos graduandos a oportunidade de, quando profissionais, promover uma alfabetização preocupada com o desenvolvimento pleno do alfabetizando mais do que com a mera memorização de informações.

Dessa maneira, a aproximação com as ideias de Ferreiro e Teberosky ocorreram, primeiramente, de forma teórica. Antes de qualquer exercício prático, houve a leitura e a discussão de textos que explicavam o que é a psicogênese da língua escrita e o teste de sondagem, com destaque para o escrito por Coutinho (2005). Após, ainda em sala de aula, foi proposto o seguinte exercício: cada dupla de licenciandas (esta era uma turma inteiramente feminina) receberia um caso fictício distinto, a ser analisado, para entender em qual hipótese de escrita se encontrava aquela criança e quais intervenções pedagógicas seriam mais adequadas para cada contexto. Este foi um processo coletivo e dialogado, visto que a turma pôde compartilhar os pontos de vista e os argumentos entre si.

Em continuidade, o docente responsável pela disciplina apresentou a proposta de atividade a ser desenvolvida ao longo do semestre letivo, também em dupla. Nesse momento, o teste de sondagem deveria ser aplicado em 2 crianças distintas, entre 5 e 8 anos de idade, e com a apresentação a elas de 4 palavras do mesmo campo semântico – uma polissílaba, uma

trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba –, bem como uma frase simples, ao final. Além disso, algumas orientações foram dadas, como deixar a criança confortável, para que não se sinta avaliada e pressionada a “escrever certo” (considerando que é comum, nas escolas, o erro não ser visto como uma oportunidade de aprendizado), deixá-la escrever sozinha e espontaneamente, assim como observar suas reações durante o processo.

Após a aplicação do teste de sondagem, as duplas deveriam se reunir para realizar a análise dos resultados e identificar em qual nível de escrita as crianças se encontravam para, posteriormente, produzir um relatório descrevendo o processo, a ser entregue ao professor e socializado com a turma. Reitera-se, aqui, o cuidado do docente em ofertar todas as informações teóricas e metodológicas necessárias, bem como o suporte para o esclarecimento de dúvidas, durante a realização da atividade que culminou neste relato.

Com tais instruções em mãos, a dupla responsável por este trabalho optou por palavras cujo campo semântico fosse o dos animais. Assim, os vocábulos escolhidos foram “BORBOLETA”, “CAVALO”, “GATO” e “BOI”, e a frase utilizada foi “O GATO BEBE LEITE”. Nesse sentido, o teste foi realizado com 2 crianças (cujas identidades serão preservadas), do sexo feminino, estudantes de escolas da rede pública de ensino, na cidade de Mossoró/RN. A criança 1, de 5 anos de idade, teve acesso ao teste na unidade escolar em que estuda, em um ambiente separado da sala de aula (em uma mesa no pátio), para que o barulho não interferisse no processo. De maneira semelhante, a criança 2, de 7 anos de idade, também realizou o teste no contexto de sua instituição de ensino, em um espaço reservado para evitar interferências externas, também em uma mesa disponível no pátio.

Para iniciar a aplicação do teste com a criança 1, a graduanda responsável pela aplicação conversou com ela de forma amigável, tentando retirar qualquer carga de pressão pela escrita considerada correta. A graduanda perguntou à criança 1 se ela poderia ajudar com a escrita de algumas palavras, indicando que ela não precisaria se preocupar ou ficar nervosa e só faria caso quisesse. Com sua anuência, ela foi direcionada para o pátio e recebeu uma folha de ofício branca A4 e um lápis grafite.

Introduziu-se o momento ditando a palavra “BORBOLETA” e ficou nítido que ela apresentou algumas dificuldades em sua escrita. Foi observado que a aprendiz não conseguiu identificar o som do “R” na sílaba “BOR”, bem como demonstrou confusão ao repetir “BO” na segunda sílaba – que já havia sido utilizada para iniciar o termo –, de modo que optou por não repetir o trecho e, assim, prosseguiu com a conclusão da palavra. Já nos demais termos, ela não apresentou dificuldade: ao ouvir a pronúncia, logo escrevia corretamente, com confiança.

Em seguida, após o ditado da frase completa (para lembrar: “O GATO BEBE LEITE”), a criança 1 suprimiu o artigo “O” e iniciou com “GATO”. Uma teoria levantada pela dupla responsável por esta prática é de que, durante o processo, não foram ressaltadas individualmente cada palavra do período (conforme já se exercita nas aulas cotidianas da aprendiz): este foi apenas enunciado de forma completa, o que pode ter ocasionado a omissão do artigo na escrita.

Durante a grafia, para seguir da palavra “GATO” para “BEBE”, a criança 1 utilizou um travessão, mas permaneceu sem usar espaçamento necessário entre as palavras. Além disso, escreveu “BEBE” com “I” (“BEBI”), pois registrou da forma como ouviu a palavra sendo ditada. Ao iniciar a palavra “LEITE” (que foi escrita sem espaçamento ou travessão que separasse de “BEBE”), percebeu que não daria para escrever toda a oração no mesmo alinhamento, pois a iniciou muito longe da margem esquerda da folha, o que ocasionou nervosismo. Logo, para não errar e por não saber como prosseguir se não coubesse a frase no espaço que tinha, registrou apenas “LETI”, mas mostrou no seu olhar que, provavelmente, escreveria a palavra corretamente (ou próximo disso) se tivesse mais espaço.

Abaixo, segue os registros feitos desse momento:



Figura 1. Registros no momento da aplicação do Teste de Sondagem na criança 1.

Fonte: elaboração das autoras.



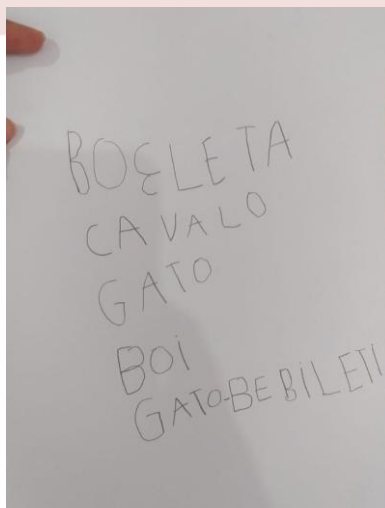


Figura 2. Representação das palavras do Teste de Sondagem da criança 1.

Fonte: elaboração das autoras.

Em prosseguimento, a aplicação do teste na criança 2 ocorreu de maneira tranquila, iniciada com uma conversa descontraída. Essa aluna gosta de dialogar bastante, então a graduanda responsável aproveitou tal característica para estabelecer uma conexão e, após, perguntou se ela aceitaria realizar a escrita de algumas palavras – cuja resposta foi positiva e notou-se um entusiasmo na criança em sentir-se valorizada e “importante” por ter sido escolhida, ao mesmo tempo em que uma insegurança a partir do medo de não conseguir grafar corretamente. Ao longo do momento, a graduanda constantemente buscou retirar tais sentimentos de preocupação, esclarecendo que o importante era que ela escrevesse da forma como domina.

A folha de ofício branca A4 e o lápis grafite foram entregues, para o início do teste com a criança 2. Nesse contexto, ditou-se a primeira palavra, e foi perceptível o receio da aprendiz ao perceber a extensão maior do termo “BORBOLETA”. Para conseguir grafar, a aluna foi repetindo (neste e nos outros vocábulos) sílaba a sílaba, em voz alta, buscando identificar os sons que precisava representar em sua escrita. Algo interessante percebido consiste na diferenciação ainda não muito clara entre “P” e “B”, de modo que a palavra foi escrita como “POPOLETA” e, além do “R” da primeira sílaba ter sido suprimido, visualizou-se que a estudante ainda confunde estes sons semelhantes.

Em seguida, para grafar as 3 próximas palavras (para lembrar: “CAVALO”; “GATO”; “BOI”), a criança 2 se mostrou mais confiante – acredita-se que pela extensão menor e pelas sílabas serem simples, compostas por apenas 2 letras (com exceção de “BOI”). Apesar disso, em todas elas, percebia-se um nervosismo tentando ser contido pela criança, que buscava a aprovação da graduanda, ao proferir com uma certa frequência frases como “eu não sei”, “eu

não consigo”, “você pode me dar uma dicazinha?” e “está certo assim?”. A isso, a graduanda buscava estabelecer calma na aprendiz, indicando que estava tudo bem escrever como ela acredita que deve ser e que não precisaria se preocupar com “certo” e “errado”. Relembra-se, ainda, que, para grafar “GATO”, ela disse “ah, essa é muito fácil” – acredita-se, então, que este é um termo bastante exercitado em sala de aula.

Por fim, ao ouvir a frase (“O GATO BEBE LEITE”), a criança esboçou uma reação de surpresa e animação, possivelmente por ter de escrever algo maior do que apenas uma palavra. Ela iniciou pelo artigo “O” e deu o espaço adequado entre os termos – indicando um domínio considerável das convenções da língua escrita. Aqui, ressalta-se que, quando foi escrever “BEBE”, em voz alta, a criança 2 indicou que as sílabas eram formadas pela letra “B” e pela letra “E”, porém, grafou com a letra “P”, o que dá um indício de que a diferenciação do “P” e do “B” ainda está sendo feita por ela. Outra consideração a se pontuar é que a grafia de “LEITE” foi realizada como “LETÉ”, o que, apesar do erro, já aponta para um conhecimento de mais aspectos ortográficos, como a acentuação.

Abaixo, segue os registros do momento:



Figura 3. Registros no momento da aplicação do Teste de Sondagem na criança 2.

Fonte: elaboração das autoras.

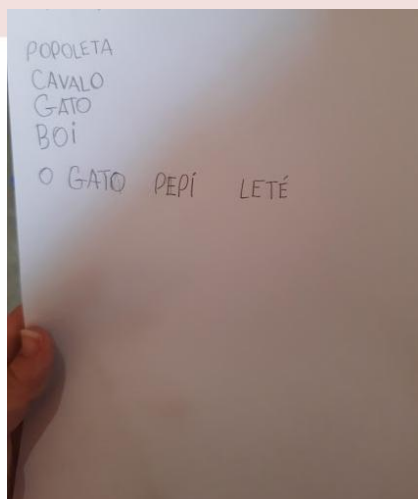


Figura 4. Representação das palavras do Teste de Sondagem da criança 2.

Fonte: elaboração das autoras.

Teste de sondagem: análise dos resultados

De acordo com o exposto e a partir das discussões levantadas pela dupla responsável pela aplicação dos testes, chegou-se à conclusão que a criança 1 está no nível alfabético, pois compreende o uso da escrita como forma de comunicação (esse fator é perceptível inclusive no dia a dia, no contato da graduanda, enquanto auxiliar da turma em que a criança estuda, pois ela faz muitas cartinhas na sala de aula) e conhece o valor sonoro das letras – mesmo ainda errando determinadas grafias. Não se percebe na aprendiz uma oscilação entre grafar todas as letras que compõem as sílabas e grafar apenas uma letra como representante da sílaba (como pode ocorrer no silábico-alfabético). A aluna ainda não separa as palavras quando estão em uma frase e não tem noção de centralizar sua escrita a partir da margem esquerda, mas esses aspectos isoladamente não fazem com que esteja no nível silábico-alfabético.

De modo semelhante, a criança 2 também se encontra no nível alfabético, considerando que ela compreendeu a existência de unidades menores que as sílabas (e que as sílabas, via de regra, são formadas por mais de 1 letra). Nota-se um domínio nas convenções da escrita – como o tamanho da letra, o alinhamento com a margem esquerda e o espaçamento entre palavras que formam uma frase. Percebeu-se também a tendência, associada a este nível, de escrever como se fala, sobretudo em “LETÉ” – o que, apesar de indicar um erro ortográfico, evidencia uma mobilização dos conhecimentos que se tem para contemplar a necessidade posta (soma-se a isso o aspecto de que a criança já possui certa familiaridade com acentuação).

Sobre isso, Coutinho (2005, p. 61) diz que “quando dizemos que um aluno está no nível alfabético, estamos dizendo que ele já é capaz de fazer todas as relações entre grafemas e

fonemas, embora ainda possua problemas de transcrição de fala e cometa erros ortográficos”. Somado a isso, “como os alunos sabem que a escrita nota a pauta sonora, eles têm tendência a escrever exatamente como se pronunciam as palavras”. Assim, tais perspectivas foram percebidas nas 2 crianças, de modo que tornou-se possível concluir que ambas estão no nível alfabético.

Somado a isso, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 219) apontam que este nível se configura como o final da evolução da escrita, quando a criança “compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever”. Ainda conforme Ferreiro e Teberosky (1999), o aprendiz ainda encontrará dificuldades relacionadas à ortografia, o que não implica em um problema de escrita – o que também foi observado na aplicação dos 2 testes de sondagem aqui apresentados.

Considerando essa análise, interessa retomar Coutinho (2005) para refletir sobre atividades e intervenções que permitam o aprimoramento da escrita pelas duas crianças que participaram do estudo. A autora sugere a realização de cruzadinhas, por compreender que:

Nessas atividades, a existência de “quadrinhos” a ser completados leva o aluno a pensar em todas as correspondências necessárias para se escrever uma palavra e, logo, a perceber que as letras são as unidades menores dentro de uma sílaba, bem como o auxilia na reflexão ortográfica (Coutinho, 2005, p. 63).

Em última análise, a compreensão da psicogênese da língua escrita revela-se como um pilar indispensável para a formação docente, uma vez que desloca o olhar do professor para o processo de raciocínio do estudante. Ao identificar em que etapa a criança se encontra, o educador deixa de ser um mero transmissor de normas e passa a atuar como um mediador consciente, capaz de planejar intervenções que desafiem as hipóteses atuais do aluno. Portanto, apropriar-se desses fundamentos teóricos permite ao futuro docente uma prática pedagógica mais humanizada e assertiva, que respeita o tempo da criança e compreende o erro não como uma falha a ser punida, mas como um indicativo valioso de que o pensamento está em plena construção.

Conclusões

A pesquisa demonstra que a aplicação do teste de sondagem, sob a perspectiva da psicogênese da língua escrita, constitui uma ferramenta essencial na formação inicial docente. Por meio dessa vivência, as licenciandas conectam os referenciais teóricos que estudam Ferreiro e Teberosky à prática pedagógica real, o que permite identificar que ambas as crianças participantes se encontram no nível alfabético de escrita. Assim, o procedimento revela que os aprendizes já compreendem a relação entre grafemas e fonemas, embora ainda apresentem

desafios ortográficos naturais do processo.

Ademais, o contato direto com as produções infantis desenvolve um olhar investigativo e sensível sobre o processo de alfabetização. Essa percepção diagnóstica amplia a capacidade de análise das futuras professoras e, conseqüentemente, orienta a proposição de intervenções pedagógicas, como as cruzadinhas, que respeitam as particularidades de cada aluno. Nesse sentido, a experiência reafirma que o erro não deve ser punido, mas sim compreendido como uma etapa lógica e construtiva da evolução cognitiva.

Por fim, a vivência fortalece a compreensão do papel do professor como mediador ativo do conhecimento, afastando práticas puramente mecânicas e voltadas à memorização. O relato evidencia, portanto, que a articulação entre os saberes acadêmicos e a realidade escolar contribui para a construção de uma prática docente mais reflexiva e crítica. Dessa forma, o conhecimento da psicogênese da língua escrita consolida-se como um mecanismo de apoio indispensável para o desenvolvimento pleno de professores em formação.

Referências Bibliográficas

- COUTINHO, M. L. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-69.
- DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Organizadora: Maria Cecília de Souza Minayo. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Alfabetização: método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.